



ARTIGOS LIVRES

07 *Quem conta um conto aumenta um ponto: narrativas e arte*

(Quien cuenta una historia suma un punto: narrativas y arte)

(Who tells a tale raises a point: narratives and art)

*Jussara Moreira de Azevedo*¹

1. Artista Visual (UFRGS), Arquiteta, Mestre em Estudos Culturais na Educação com ênfase em Análise da Cultura Visual. Professora Universitária e Pesquisadora de Processos Históricos em Fotografia desde 2000 – seu hibridismo entre o analógico e o digital e Cultura Japonesa. Grupo Lumen/UFRGS (2016 – até o momento). Membro do CAVRS/SEDAC/RS (2022-2023) (2024-2025) e Coordenadora do GT Plano Setorial das Artes Visuais/SEDACRS. Membro da Associação Cultural Japonesa/RS, Núcleo de Estudos Culturais Orientais/CEFET/RJ e Grupo de Estudos KINYŌKAI//IEA/USP. Artista Visual desde a década de 1990 em coletivas e individuais no Brasil e exterior (EUA/Argentina/Europa). Reconhecida por trabalhos indicados a prêmios, tais como o Prêmio Açorianos de Artes Plásticas/RS. Avaliadora e parecerista Cultural da Revista Porto Arte/UFRGS e SEDAC/RS. Possui obras em acervos de museus: Satu Mare (Romênia e MON – Museu Oscar Niemeyer de Curitiba. Neste momento, desenvolve sua fotografia autoral e projetos na área de Fotografia Artística e Design, tendo como tema contos e narrativas visuais, cultura asiática e as questões da cultura visual. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6432238076557884> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0375-1489>



JUSSARA MOREIRA DE AZEVEDO

Resumo – Este artigo é um recorte do trabalho Arte Conecta: Narrativas visuais e Ensino em espaços expandidos. Dialogando com Hernández, Canton, entre outros, discuto sobre narrativa visual e sua relação na produção de sentidos e na arte.

Palavras Chave: narrativa visual; arte contemporânea; educação

Resumen – Este artículo es un extracto de la obra ARTE CONECTA: Narrativas visuales y Enseñanza en espacios expandidos. Dialogando con Hernández, Cantón, entre otros, analizo la narrativa visual y su relación en la producción de significados y el arte.

Palabras clave: narrativa visual; arte Contemporaneo; educación

Abstract – This article is an excerpt from the work Arte Conecta: visual narratives and teaching in expanded spaces. Dialogue with Hernández, Raimundo martins, among others, discuss about visual narrative and its importance in the production of meaning and in art.

Keywords: visual narrative; contemporary art; education.



Somos contadores de histórias. Ao se falar em narrativa, é importante nos lembrarmos do caráter universal do ato de contar histórias, em todos os grupos sociais. Há milhares de anos, nos reunimos às voltas de uma fogueira, na mesa de jantar ou ao dormir para ouvir alguém contar uma história, seja uma façanha ou evento significativo para aquele grupo. Aprendemos quem somos e de onde viemos pelas histórias de família ou da tribo, e a cada nova contação seja ela oral, escrita ou por imagens a história se repete, reconstrói e se modifica, tornando-se o que considero uma narrativa “viva”.

A escritora Penélope Martins comenta que, na narrativa “esticamos o fio no labirinto da memória” (Martins, 2007, s/p) numa necessidade ansiosa de capturar a atenção de quem ouve e aprende com que narramos. Assim, “quem conta um conto aumenta um ponto”, com o objetivo de capturar o ouvinte construímos novas realidades dentro de um fato único e peculiar quase perdido no passado das memórias. Estamos sempre contando histórias para alguém ou para nós mesmos, podemos contá-las de inúmeras formas, sejam fatos reais ou imaginários, expomos um acontecimento usando imagens, palavras escritas ou faladas.

“As narrativas são formas de estabelecer a ma-

neira como há de ser pensada e vivida a experiência” (Hernández, 2007, p.11). Sales (2009) argumenta que, para a Narratologia, as imagens, em geral, são consideradas ilustrativas e servem para reafirmar o texto literário, no entanto abre esta visão ao afirmar que a narrativa vai além da escrita, podendo ser oral ou icônica daí a variedade de tipos e meios que pode ser transmitida tão diversas quanto contos, filmes, histórias em quadrinhos, romances, histórias engraçadas, narrativas desenhos, fábulas ou parábolas. (Sales, 2009, p.15).

Narrativas visuais e a arte

O filósofo Confúcio (400 A.C) pronunciou a seguinte frase: “uma imagem vale mais que mil palavras” (Web, 2021). Esta expressão, muito utilizada na semiótica e na publicidade, nos convida a pensar no poder da comunicação através das imagens. Refere-se à facilidade em compreender determinada situação a partir do uso de recursos visuais, ou à facilidade de explicar algo através das imagens. Podemos ter uma imagem, ou uma série de imagens, que nos comunicam fatos ou eventos; elas narram histórias ou podem nos inspirar na criação de uma nova.

Utilizando-se da narrativa visual nas aulas de arte, podemos abordar várias questões como: a identidade e a construções de narrativas na arte contemporânea. Autores como Arnheim (1989) e Aumont (2007) possuem estudos importantes sobre a Percepção visual, a significação das imagens e sua relação com a narração. Aumont (1989, p.244) define narrativa, como um conjunto organizado de elementos significantes que constituem uma história: este conjunto veicula um conteúdo ou história através de um tempo.

Contudo, como a imagem contém narrativa? André Gaudreault (2009), demonstra 3 tipos de narrativa a sem mimese, exclusivamente verbal; a segunda, que só comporta a mimese: o teatro; e a terceira seria a narrativa mista que possui parte do tempo verbal e parte mimética. A este modo narrativo de tipo mimético, Gaudreault (2009) chama de mostraçã e Aumont (2007), explica que existe uma distinção entre mostraçã e narração.

Os autores argumentam a existência de dois níveis de narratividade ligados à imagem: o primeiro na imagem única e o segundo ligado a uma sequência de imagens. Assim, podemos ter, em uma imagem única, vários episódios de uma mesma história representados, como em algumas das pinturas bíblicas

dos séculos XV e XVI. Como na pintura *A Paixão de Cristo* de Memling, nela estão representadas várias cenas da Paixão de Cristo, onde ele aparece simultaneamente em distintas situações ao longo da tela.

Também podemos ter uma única imagem que nos conta uma história sem ter uma seriação. Como exemplo a obra de “O terraço do café na *Place du Fórum, Arles à noite*” de Van Gogh (Figura 1). Ao olharmos para a pintura de Van Gogh, vemos uma série de detalhes e informações, tipo de cadeiras, pessoas no café e na rua etc., incluindo a iluminação e cores utilizadas que criam uma atmosfera única com seus tons amarelos e azuis. Nesta pintura, estamos distantes, como a observar os personagens, tendo uma sensação de isolamento e solidão. Podemos ver uma narrativa que nos faz pensar e ter vontade de conhecer o local, experimentar andar por suas ruas, ver cada detalhe e imaginar as histórias vividas ali.

Figura 1- O Terraço do Café na Place du Fórum, Arles à Noite" - 1888 - óleo sobre tela - 81 X 65,5 cm - Vincent van Gogh - Kröller-Müller Museum



Fonte: <https://alinehannun.blogspot.com/2016/08/o-terraço-do-café-na-place-du-forum.html> Acesso:2021

Silveira (2008, p.26) argumenta que, a esta forma de narrativa única, “do ponto de vista da narrativa visual, o relato instantâneo, mínimo[...] pode

ser ilustrado pela narratividade pertinente à pintura e à fotografia quando se [...]considera apenas uma unidade de imagem”. Hernandez (2007, p.33) aponta que, a partir da década de 1990, muitas mudanças ocorreram na arte, tanto no que é colocado como obra de arte como no papel social que os artistas assumem: vários artistas começaram a seguir linhas distintas, uns passaram a atuar como “contadores de histórias” que eles mesmos criam “outros buscaram resgatar as vozes silenciadas com uma arte engajada, como “cronistas da cultura popular” ou “espelhos da memória” etc. O autor argumenta que esta arte passa a se apresentar através de instalações, mistura de vários materiais e técnicas, como vídeos, fotografia e pintura voltando-se para as questões da comunicação.

Os artistas preocupam-se em criar produtos que lançam mais questionamentos que respostas – começamos a ver uma arte cada vez mais internacionalizada, compartilhada, na qual as fronteiras se rompem, embora ainda existam aqueles que trabalham com problemáticas particulares e contextualizadas. Todas estas novas formas de ver e fazer arte vem se modificando e abarcando outras ferramentas como a tecnologia digital, numa intensa mixagem e hibridização de saberes e propostas e cada vez mais “(de)pendentes da cultura dos meios de comunica-

2. Participaram desse projeto integrantes do grupo de pesquisa Veículos da Arte, os artistas: Adriana Daccache, Andrea Paiva Nunes, Fabiana Wielewicki, Glaucis de Moraes, Helio Fervenza, Letícia B. Cardoso, Marcelo Tomazi, Maria Ivone dos Santos, Maria Lucia Cattani, Mariana Silva da Silva, Maristela Salvatori, Paula Krause, Paulo Gomes, Raquel Stolf, Sandra Rey e Solana Guangliorli.

JUSSARA MOREIRA DE AZEVEDO

ção e das formas de visualidade geradas na vida cotidiana.” (Hernandez, 2007, p.34). Assim o autor nos convida a refletir que, se as práticas e fundamentos artísticos estão em constante mudança, é importante renovarmos o enfoque e os modos de ensinar a arte nas escolas.

Autores como Silveira (2008) e Canton (2014) discutem a questão das narrativas na arte contemporânea. Silveira (2008) discute, em sua tese, a existência da narrativa no livro de artista, ele nos apresenta uma análise detalhada sobre a narrativa na arte e o livro-objeto. O teórico nos apresenta alguns livros de artistas que trabalham com a narrativa visual – como o trabalho de Sofia Calle e Paul Auster: *Gotham Handbook: New Yorrk, mode d'emploi* (1998) e o Projeto “Ciranda – Ensaios em Narrativas Visuais” (2005).

Na análise da obra de Sofia Calle, podemos ver o resultado das fotografias produzidas através de longas caminhadas pelas ruas e avenidas de Nova York, com suas características geográficas dos bairros e de suas diversas etnias. Em Ciranda (2008)², Paulo Silveira convida vários artistas visuais contemporâneos a construir uma narrativa em conjunto, utilizando suas narrativas individuais e alinhadas às características pertinentes ao livro. A primeira questão que Silveira

(2005) destaca é pouco uso de palavras nos trabalhos: das 288 páginas dedicadas aos trabalhos autorais, apenas em 58 páginas pode-se encontrar palavras articuladas entre si e propositalmente inseridas em fotografias.

Silveira (2008, p.108) aponta ser evidente a fusão entre as obras e as características do “meio” e da “mídia”. O autor segue sua análise por cada uma das narrativas visuais dos artistas, como exemplo o trabalho de Cattani. Destaca a existência de uma “variação de seus exercícios de repetição de carimbar uma pequena forma, ausência absoluta de texto (...) reaproveitamento de técnicas de gravura, deslocamento cinético lateral, monotonia repetitiva, pureza de meios (...), valorização do branco da página” e edição de páginas. Silveira (2008) aponta que é raro encontrarmos neste tipo de narrativas (visuais) uma linearidade convencional como as histórias literárias, embora uma sequência visual possa ser percebida.

Esta observação torna-se importante para nós, professores, ao trabalharmos com as narrativas visuais na escola. O fato de não existir uma obrigatoriedade de narração linear, como nos conhecidos contos, o fato liberta o processo de criação da narrativa. Canton (2014, p.99), ao analisar a produção da



arte contemporânea, aponta que não só a publicidade, mas também os artistas se apropriam dos contos de fada para construírem suas narrativas visuais (enviesadas-sem a linearidade), argumentando que "essas histórias paradigmáticas do mundo ocidental são conhecidas o suficiente para poderem ser fragmentadas, repetidas, desconstruídas e viradas do avesso pelos artistas." Em nossas aulas de artes, podemos trabalhar, além dos artistas, outros artefatos na cultura visual que também possuem uma narrativa não linear como os jogos virtuais em que a narrativa não segue uma linearidade temporal nem espacial que se desloca dependendo do jogador.

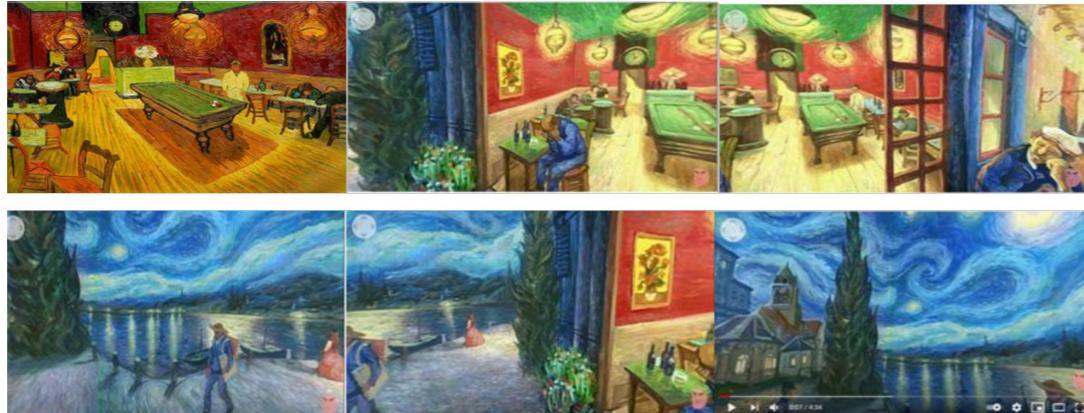
A teórica Katia Canton (2001) faz uma contextualização da produção contemporânea da nova geração de artistas, falando de narrativas visuais, articula arte, cultura e comportamento. Canton (2014) usa o termo de "narrativas enviesadas" para comentar uma forma peculiar e contemporânea de produzir a arte, de contar histórias. Alicerçada em Barthes (1988), a teórica argumenta que os artistas das gerações dos anos 1980 e 1990 subvertem a relação entre texto e imagem, desconstruindo códigos e recombina-ndo-os, quebrando as possibilidades de um sentido narrativo único. Segundo a autora (Canton, 2014, p.98), a geração atual de artistas segue nesta multiplicidade de experimentações de narrativas múlti-

plas e busca como temática "o tempo e a memória, o corpo, a identidade e o erotismo, o espaço e o lugar, as micropolíticas", entre outros, elaborando-os através de conceitos e narrativas não lineares com uma variedade no uso de materiais.

Em uma consulta no campo da arte, podemos ver inúmeros artistas produzindo obras e suas narrativas visuais se apropriando ou não de outras imagens, em múltiplos suportes e técnicas, contando suas histórias ou as sugerindo para que o espectador construa junto. Os sentidos, na obra dos artistas contemporâneos, não estão prontos, formam narrativas com sobreposições, repetições e fragmentações numa circularidade temporal que se configuram no acontecimento, isto é, na construção das múltiplas relações que acontecem entre a obra e o observador. Como vemos na obra em vídeo de 360 graus criada pelo artista chinês Kai Chen (1990), de 30 anos, e no trabalho da artista pop contemporânea, a japonesa Yayoi Kusama, de 87 anos. Kai Chen é um jovem artista, ilustrador e pintor chinês conhecido por sua pintura realista e suas animações em 360 graus de quadros famosos de Van Gogh. Na Figura 2, vemos sua narrativa seriada, onde se apropria de duas pinturas de Van Gogh, pinta e recria uma animação em 360 graus convidando-nos a entrar na obra e na história destes quadros. Sua narrativa possui um tem-

po próprio circular, sua visualização fica a critério do observador que pode movimentar seu olhar para qualquer posição.

Figura 2- Pinturas que compõem o vídeo de 360



Fonte: <https://www.artstation.com/chenkai> Fonte: <https://youtu.be/yaI2WBEZ5eI> Acesso:04/2021

Outro trabalho é o da Artista japonesa Yayoi Kusama, na obra *The Obliteration Room* (2002), onde convida o público a criar sua narrativa – a artista fornece um cenário, onde os personagens são o público (as crianças) que intervém na obra construindo sua narrativa coletiva. Nesse trabalho, a artista construiu um cenário todo branco e fornecia para crianças elementos autocolantes coloridos, dando liberdade para as crianças tirarem ou colocarem onde quisessem (Figura 3).

Figura 3- Yayoi Kusama, The Obliteration Room, 2002



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-38560/instalacao-interativa-para-criancas-the-obliteration-room-yayoi-kusama> Acesso:04/2021

Jacques Aumont (2007), a partir de Arnheim (1989) e Goodman (1981), coloca que o mais importante não é tanto o tempo, mas sim a ordem da narrativa, "quer essa representação seja feita no modo do instantâneo fotográfico, quer de modo mais fabricado e mais sintético [...]" (Aumont, 2007, p.246). A ordem narrativa pode ser configurada em alguns casos através de diferentes temporalidades, a partir do espectador que se apropria e interpreta. Arnheim (1989) observa que o acontecimento é um elemento fundamental para nossa percepção, que não significa uma percepção temporal e sim uma espacial. Para esse autor, um acontecimento terá uma dimensão espacial se, para sua percepção, for exigida uma



JUSSARA MOREIRA DE AZEVEDO

atenção e captação de um conjunto simbólico, sejam da virtualidade, constituem-nos sem nos darmos conta do quanto elas formulam nossos modos de ver o mundo”.



Referências

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Pioneira, 1989.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 2007.

AZEVEDO, Jussara Moreira. **ARTE CONECTA: Narrativas visuais e Ensino em espaços expandidos**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciada em Artes Visuais. Orientador (a): Dra. Andrea Hofstaetter, Porto Alegre 2021.

CANTON, Kátia. **Narrativas enviesadas: Roland Barthes, arte contemporânea e os contos de fadas**. Universidade de São Paulo, 2014. <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/48375>;

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Coleção Temas da Arte Contemporânea).

GAUDREAULT, Andre; JOST, François; Adalberto Müller, Ciro I. Marcondes, Rita Jover Faleiros (trad.) **A narrativa cinematográfica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009 (1988).

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. La cultura visual como estratégia que possibilita aprender a partir de establecer relaciones. **Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação**, v. 14 n. 2 (2012): Número temático – Arte, Cultura Visual e Educação. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revis-tainstrumento/issue/view/803>. acesso: 10/2020;

MARTINS, Penélope. **Quem conta um conto**. <https://literario20.editoradobrasil.com.br>

SALES, Germana Araújo; FURTADO, Marli Tereza. **Teoria do texto narrativo**. Belém: Edufpa, 2009. v.6.



JUSSARA MOREIRA DE AZEVEDO

SILVEIRA, Paulo. **As existências da narrativa no livro de artista**. Tese (Doutorado em História Teoria e Crítica da Arte). Programa de pós-graduação em Artes Visuais no Instituto de Artes do Rio Grande do Sul. <http://hdl.handle.net/10183/12111>.

